

LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

POESIA MARGINAL
antologia poética

GERAÇÃO MIMEÓGRAFO - ANOS 1970

amador ribeiro neto (organizador)

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

ÍNDICE

Poesia Marginal em questão – Amador Ribeiro Neto: 3

Afonso Henriques Neto: 28

Ana Cristina Cesar: 34

Bernardo Vilhena: 21

Cacaso: 10

Capinan: 68

Chacal: 6

Francisco Alvim: 18

Geraldo Carneiro: 41

Glauco Mattoso: 78

Leila Míccolis: 24

Leminski: 46

Nicolas Behr: 13

Piva: 30

Torquato Neto: 51

Waly Salomão: 56

Zuca Sardan: 63

Datas dos poetas: 87

Poesia Marginal em questão

Amador Ribeiro Neto

A Poesia Marginal não existe como um movimento nem como um grupo de poetas com o mesmo ideário. O Tropicalismo sacudiu a cena brasileira da música popular e colocou em *close* a quebra das distinções entre erudito e popular, antigo e moderno, brega e bom gosto. Isto, é claro, na esteira da Antropofagia oswaldiana.

A Poesia Marginal bebeu na fonte do Tropicalismo. Mas bebeu muito pouco. Só meio copo. Na verdade os poetas marginais não sacavam quase nada da nossa tradição poética nem cultural. O próprio Chacal, em depoimento à revista *Escrita*, em 1977, declarou: “(...) eu lia pouco, muitos contos de fadas, Monteiro Lobato” (*apud* Pereira, 1981 :122). Eram porraloucas. Com o desbunde, adolescentemente investiam contra tudo que se consolidara como valor literário. Mas ao contrário dos modernistas de 22, aos poetas marginais faltava um programa estético. Por quê? Porque eles mesmos, sendo contra a estética em vigor, queriam era malhar tudo que estivesse pela frente e tivesse valor literário consagrado. Malharam até João Cabral e os concretos, porque eram, diziam, demasiadamente tecnicistas.

O jornalista Carlos Juliano Barros (2006) anota: [a Poesia Marginal ao] “abordar temas terrenos e subjetivos consistia numa crítica ao que era considerado cânone na época, como a poesia de João Cabral de Mello Neto, por exemplo. Na concepção de alguns marginais, a literatura do mestre pernambucano tinha um caráter muito maquinal e tecnicista, com versos bem acabados, porém pouco antenados ao dia-a-dia”.

Sobre poesia, vanguarda e pós-vanguarda, diz Glauco Mattoso: “Depois de Oswald, a vanguarda só votou à poesia brasileira na década de 50, com o movimento concreto (...) Até hoje esse é o movimento mais combatido, justamente por ser o mais revolucionário e o que sobrevive há mais tempo, enquanto tendências mais recentes se sucedem, se rebatizam, se esgotam, se radicalizam, regridem ou simplesmente caem de moda” (Mattoso, 1981: 16).

E o que os poetas marginais propunham? Nada além da incorporação da coloquialidade e do humor. Mais o uso de gírias e de palavrões. Mas isto está nas raízes de 22. Só que os poetas marginais, ao contrário dos modernistas, não conheciam a tradição da poesia brasileira nem estrangeira. Ouviam dizer que os *beats* norte-americanos estavam *on the road*, que Oswald fazia poema-piada. Mas tudo era sabido “de ouvido”. Sem maiores verticalizações.

Pontua Glauco Mattoso (1981:34): “(...) antes de ser uma recusa, esta postura significa simplesmente um desconhecimento dos modelos literários, por falta de informação mesmo”. E prossegue: “(...) um estilo coloquial, por si só, apesar da gíria e do chulo” pode ser “conforme o caso, mero artifício estético, comum a todas as épocas”. (...) “Tudo leva à conclusão de que o rótulo *poesia marginal* é muito inconsistente no plano literário”. (ob. cit. 41).

Usando a terminologia de Antonio Candido podemos dizer que diante da Poesia Marginal a crítica que tem sido feita não é literária, mas sociologia da literatura. Isto porque o próprio objeto de estudo não se oferece como objeto estético. Diz Antonio

Candido “(...) não uma crítica, mas (...) teoria e história sociológica, ou como sociologia da literatura”. (Candido, 1976: 11) “(...) nota-se o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais (...)”. “Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la, é correr o risco de uma perigosa simplificação causal”. (Candido, 1976: 13).

Por esta desinformação histórica e pelo maniqueísmo crítico, a Poesia Marginal ficou na adolescência da poesia brasileira. Ao invés do uso criativo e produtivo da coloquialidade (tal como T. S. Eliot apregoa: o poeta tem de ouvir e trabalhar a língua de seu povo, dialogando com a tradição) ou da apropriação crítico-criativa do poemapiada (como a exemplo de Oswald, Mário) a Poesia Marginal gerou uma poesia de segunda classe.

Isto não é novidade no cenário da poesia brasileira. Depois de 22, exames de poetas devastaram a cena “literária” brasileira. Assim como os poetas da Poesia Marginal desconheciam a história estético-social da poesia brasileira, os milhares de poetas de plantão em todos os recantos do Brasil, estão de guardanapos em punho fazendo poesia coloquial, sentimental, cheia de tiradinhas de bom humor e bem quadradinhas.

A caretice se infiltrou e inflou o cenário literário brasileiro. A Poesia Marginal pertence a esta cena patética, como a ela pertencem os milhares de zé-ninguém que se autoproclamam poetas a torto e a direito.

Qualquer coisa é Poesia Marginal. Basta emparelhar-se com a displicência, a vicissitude, a idiosincrasia que, na falta de valores, passam a ser valores.

O “fazer fácil” que a Poesia Marginal proclama, requer um sólido repertório literário e artístico para efetivar-se. É o caso de Manuel Bandeira. Nele a coloquialidade, o chiste, a fala do povo têm sotaque e dicção próprios. Em toda a Poesia Marginal não encontramos um poema que se equipare a “Madrigal tão engraçadinho”, por exemplo. Ou a “Namorados”, ambos de Bandeira. Ou mesmo a “O capoeira”, de Oswald.

Não sejamos ingênuos: não dá pra comparar os estilos bandeiriano e oswaldiano às peraltices dos poetas marginais. Oswald, Bandeira e – perto de nós: José Paulo Paes – aprenderam a desaprender o que sabiam para chegar à poesia. Assim como Miró desaprendeu a pintar pra pintar como criança. Agora, dizer que toda criança é artista porque Miró pintou como criança é de um anacronismo que estreita limites com a má-fé.

A Poesia Marginal acabou produzindo poemas convencionais – mesmo estando à margem. Convencional no tratamento literário dispensado aos poemas, ainda que o tema fosse engajado – cultural, social, sexualmente. Leminski é claro: “(...) um poema convencional continua medíocre mesmo que invista contra toda a opressão do mundo” (*apud* Mattoso: 1981: 51).

Carlos Alberto Pereira (1981) escreveu o livro que é considerado obra de referência sobre a Poesia Marginal: *Retrato de época: poesia marginal, anos 70*. É interessante frisar que o autor é um antropólogo e abordou a Poesia Marginal, não enquanto produção estética, mas como fato cultural. Ou seja, a obra é analisada

extraliterariamente. O que conta é a ideologia. Isto não é crítica literária: é sociologia da literatura, ou antropologia literária.

Estas duas posturas não interessam a um crítico literário. Afinal, esta postura crítica não vê o objeto literário como arte. Vê suas implicações como *fato* cultural. Os elementos da obra interessam à medida que revelam fatos extraliterários. Diante desta postura a especificidade literária do objeto artístico é suplantada por vetores de direções avessas à artística.

Carlos Alberto Pereira anota: “O que se atualiza nos poemas é, de certa forma, um conjunto de ideias e/ou de práticas cotidianas – isto é, do cotidiano de certo ou de certos grupos dentro da sociedade. Acho que é desta forma (...) que têm que ser encaradas, por ex., as referências a sexo, a tóxicos, o uso do palavrão e assim por diante” (Pereira, 1981: 50). Ou seja, não devem ser encaradas como literatura.

Não é por nada que Pereira identifica três idéias-chave: “antitecnicismo, politização do cotidiano e antiintelectualismo” (1981:348). Mesmo reconhecendo não serem estes três pontos características exclusivas da Poesia Marginal, o autor destaca a importância social e antropológica desta poesia. Isto está fora de cogitação. Mas a pergunta que fica é: se a Poesia Marginal é poesia, como não considerá-la como poesia? Como não lê-la a partir de seus elementos intrínsecos, retomando aqui a expressão de Antonio Candido?

Contrariamente ao que diz Heitor Ferraz, a Poesia Marginal não sobrevive porque “vários representantes dessa vertente foram poetas originais” e nem porque “são trabalhos instigantes, que privilegiam a coloquialidade e a objetividade dentro de um modelo enxuto de expressão” (Ferraz, 2006). Penso que a Poesia Marginal sobrevive, tal como sobrevive Renato Russo contra Cazuza. Cazuza é massa de sangue poética. Renato Russo é bula para adolescentes.

P.S.: Devido à alta qualidade de suas obras, apenas cronologicamente Capinan, Geraldo Carneiro, Glauco Mattoso, Paulo Leminski, Glauco Mattoso, Torquato Neto, Waly Salomão e Zuca Sardan pertencem à Poesia Marginal.

BIBLIOGRAFIA

1. Eletrônica

BARROS, Carlos Juliano (2006). “Poesia Marginal”. In: <http://www.reporterbrasil.org.br/exibe.php?id=519>. Acessado em 19/04/2008.

FERRAZ, Heitor (2006). “De mão em mão: a poesia marginal dos anos 70”. In: _____ (Org). *Poesia Marginal*. S. Paulo: Ática (Col. Para gostar de ler, v. 39). O texto citado está disponível em <http://www.atica.com.br/materias/?m=125>. Acessado em 19/04/2008.

2. Impressa

CABAÑAS, Teresa. “A poesia digital e os novos impasses da comunicação poética”. In: *Revista de Letras*, S. Paulo, 45 (1): 89-116, 2005.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade; estudos de teoria e história literária*. 5ª ed. revista. São Paulo: Nacional, 1976.

MATTOSO, Glauco. *O que é Poesia Marginal*. S. Paulo: Brasiliense. (Col. Primeiros Passos, v. 43), 1981.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Retrato de época: Poesia Marginal, anos 70*. Rio: FUNARTE, 1981.

RÁPIDO E RASTEIRO

Chacal

vai ter uma festa
que eu vou dançar
até o sapato pedir pra parar.
aí eu paro, tiro o sapato
e danço o resto da vida

PREZADO CIDADÃO

Chacal

colabore com a lei
colabore com a Light
mantenha luz própria

O MERCADO

Chacal

o mercado quer te regular
mas a vida não tem manual
invente-se!

PRIMEIRO ESCREVE BEM

Chacal

primeiro escreve bem
depois vai procurar sua turma
faz um zine
inventa uma banda
mas antes, escreve, escreve
e fala bem porra

CHISTE

Chacal

inexistível não existe

GANSO

Chacal

só afogando o (passo de) ganso
vamos tirar o (brasil do) atraso

OLHO

Chacal

tu pensas que me vês
mas eu é que te vejo

eu sou mais poderoso
que o incrível hulk
mais incrível
que o poderoso chefão

porque eu sou
eu sou o olho
eu sou o olho
da televisão

COMO ERA BOM

Chacal

o tempo em que marx explicava o mundo
tudo era luta de classes
como era simples
o tempo em que freud explicava
que édipo tudo explicava
tudo era clarinho limpinho explicadinho
tudo muito mais asséptico
do que era quando eu nasci
hoje rodado sambado pirado
descobri que é preciso
aprender a nascer todo dia

RECLAME

Chacal

se o mundo não vai bem
a seus olhos, use lentes

...ou transforme o mundo.

ótica olho vivo
agradece a preferência.

PRIMEIRO EU QUERO FALAR DE AMOR

Chacal

meu amor se esparrama na grama
Meu amor se esparrama na cama
meu amor se espreguiça
meu amor deita e rola no planeta.

DENTES DE AÇO

Chacal

eu te arranco um pedaço com meus dentes de aço
e faço e refaço no peito e no braço
e te arranco um pedaço com meus dentes de aço
e você acha pouco e diz que eu sou muito louco
mas eu não dou carne a gato
e não vou pagar o pato dos teus sais dos teus ais
eu quero é mais
planetas estrelas cometas
virgínia Sofia Roraima
bem... não se fala mais nisso
até que você descubra
que a bomba H a bossa nova
está na ponta da língua

OSSOS DO OFÍCIO

Chacal

sempre deixei as barbas de molho
porque barbeiro nenhum me ensinou
como manejar o fio da navalha

sempre tive a pulga atrás da orelha
porque nenhum otorrino me disse
como se fala aos ouvidos das pessoas

sou um cara grilado
um péssimo marido
nove anos de poesia
me renderam apenas
um circo de pulgas
e as barbas mais límpidas da Turquia

PAPAGAIO

Chacal

estranho poder o do poeta.
escolhe entre quase e cais
quais palavras lhe convêm.
depois as empilha papagaio
e as solta no céu do papel

UMA OUTRA

Chacal

se você acha que morar num apê
encardido we abafado rua Siqueira
campos um cabeça de porco botar
gravata todo dia para ir de ônibus
trabalhar na rua senador Dantas e
quando pinta tempo e grana batalhar
uma trepada se você acha que dormir
puto e acordar puto é uma eu já acho
é outra.

UMA PALAVRA

Chacal

uma
palavra
escrita é uma
palavra não dita é uma
palavra maldita é uma palavra
gravada como gravata que é uma palavra
gaiata como goiaba que é uma palavra gostosa

INDEFINIÇÃO

Cacaso

Pois assim é a poesia
Esta chama tão distante mas tão perto de
Estar fria.

IMAGENS I

Cacaso

Para evitar malentendidos
digamos desde já que nos amamos

JOGOS FLORAIS

Cacaso

I

Minha terra tem palmeiras
onde canta o tico-tico.
Enquanto isso o sabiá
vive comendo o meu fubá.

Ficou moderno o Brasil
ficou moderno o milagre:
a água já não vira vinho,
vira direto vinagre.

II

Minha terra tem Palmares
memória cala-te já.
Peço licença poética
Belém capital Pará.

Bem, meus prezados senhores
dado o avançado da hora
errata e efeitos do vinho
o poeta sai de fininho.

(será mesmo com dois esses
que se escreve paçarrinho?)

E COM VOCÊS A MODERNIDADE

Cacaso

Meu verso é profundamente romântico.
Choram cavaquinhos luars se derramam e vai
por aí a longa sombra de rumores ciganos.

Ai que saudade que tenho de meus negros verdes
anos!

REFÉM

Cacaso

Eu sempre quis requebrar
só me faltou poesia
eu nunca soube rimar
mas sempre tive ousadia
nunca joguei o destino
e nem matei a família
a minha sorte na vida
se escreve com C cedilha
Eu nunca tive ideal
nunca avancei o sinal
nem profanei minha filha
Eu me perdi muito além
sendo meu próprio refém
na solidão de uma ilha

Eu sempre quis acertar
só me faltou pontaria
eu nunca soube cantar
mas sempre tive mania
nunca brinquei carnaval
e nem saí da folia
nunca pulei a fogueira
e nem dancei a quadrilha

Eu nunca amei a ninguém
nunca devi um vintém
nem encontrei minha trilha
Eu me perdi muito além
sendo meu próprio refém
na solidão de uma ilha

TERCEIRO AMOR

Cacaso

O primeiro amor já passou
o segundo amor já passou
como passam os afluentes
como passam as correntes
que desencontram do mar
Como qualquer atitude
também passa a juventude
que nem findou de chegar

O primeiro amor já passou
o segundo amor já passou
como passam os espelhos
como passam os conselhos
ilusões de pedra e cal
Como passam os perigos
e tantos muitos amigos
sem deixar nenhum sinal

O primeiro amor já passou
o segundo amor já passou
como passam as gaivotas
as vitórias as derrotas
fantasias carnavais
as inocências perdidas
como passam avenidas
corredores temporais
A correnteza dos rios
como passam os navios
que a gente acena do cais

RECEITA

Nicolas Behr

Ingredientes:

2 conflitos de gerações
4 esperanças perdidas
3 litros de sangue fervido
5 sonhos eróticos
2 canções dos beatles

Modo de preparar

dissolva os sonhos eróticos
nos dois litros de sangue fervido
e deixe gelar seu coração

leve a mistura ao fogo
adicionando dois conflitos de gerações
às esperanças perdidas

corte tudo em pedacinhos
 e repita com as canções dos beatles
 o mesmo processo usado com os sonhos
 eróticos mas desta vez deixe ferver um
 pouco mais e mexa até dissolver

parte do sangue pode ser substituído
 por suco de groselha
 mas os resultados não serão os mesmos
 sirva o poema simples ou com ilusões

MUITO SEXO

Nicolas Behr

muito sexo
pouco texto

BENZINHO

Nicolas Behr

Benzinho
Benzina
não

EU TE AMO

Nicolas Behr

e daqui
pra frente
tudo será
decepção

ENFIM

Nicolas Behr

Enfim
era preciso saber
quanto cimento
será gasto
numa ponte
por onde
ninguém passará
de mãos dadas

ACEROLA LOUCA

Nicolas Behr

troquei o poema pela ema
as palmas pelas palmeiras
as vaias pelas uvaias

eu faço poesia como quem brinca
de trocar tristeza por alegria

SEM TÍTULO

Nicolas Behr

nas profundezas das florestas
de palavras vivem os poetas
disfarçados de árvores e ditongos

se alimentam do nada

e de tudo o que
a imaginação decompõe

SEM TÍTULO

Nicolas Behr

desço aos infernos
pelas escadas rolantes
da rodoviária de Brasília
meu corpo boiando
no óleo que ferve
um pedaço do teu coração
num pastel de carne

SEM TÍTULO

Nicolas Behr

nequinho tá lá na dele
esperando ônibus
com a namorada
aí o cara vai lá
dá um tiro nela
assim na maior
pode?

SEM TÍTULO

Nicolas Behr

L2 é pouco
W3 é demais
quando estou muito triste
pego o grande circular
e vou passear
de mãos dadas
com o banco

ASSIM ERA O RESTAURANTE DA MADRINHA, EM COCALZINHO DE GOIÁS

Nicolas Behr

no restaurante da madrinha,

em Cocalzinho de Goiás,
 a melhor mesa para se almoçar
 era a primeira à esquerda
 de quem entrava pela rua
 pois era maior e ficava perto da janela,
 de onde se via o movimento,
 ou a do canto direito,
 perto do fogão a lenha,
 de quem entrava pelos
 fundos, onde tinha
 um velho pé de mamão
 que nasceu no pé do muro

no restaurante da madrinha,
 em Cocalzinho de Goiás,
 tinha uma cancela na porta,
 onde, todas as sextas-feiras,
 ela colocava um ramo de arruda para chamar
 os fregueses, espantar os maus espíritos
 e as moscas

UMBIGO

Nicolas Behr

minha poesia é primeira linha
 minha poesia não é de segunda mão
 minha poesia às vezes é de terceira categoria
 minha poesia vai começar. pode soltar os cintos
 minha poesia. com a palavra, o poeta
 minha poesia é de tirar o fôlego. é só parar de respirar
 minha poesia a partir de agora vai fazer uso da palavra
 minha poesia - você ainda não leu nada
 minha poesia já foi vendida como cachaça pra doido
 minha poesia é pra você jogar no chão, mas ainda não
 minha poesia é pra você falar mal, mas só no final
 minha poesia nunca mais tomou veneno para matar rato
 minha poesia pode ser arnaldo, pode ser antunes,

pode ser geraldo, pode ser fagundes
minha poesia sente que tem alguém neste momento
atrás do poema com uma faca
minha poesia come as cascas das feridas dos prisioneiros
no campo de concentração
minha poesia morde o poema até sair outro poema
minha poesia não é a grande poesia de manuel bandeira
mas é a certeza de que estou vivo
minha poesia sente tremeliques toda vez que ouve leninha e
as ministéricas
minha poesia vem do passado e por lá mesmo fica
minha poesia são meus olhos - molhe-os
minha poesia - cada dia uma linha e uma pequena dor
minha poesia e o poeta entram de mãos dadas no cemitério
para ler lápides e chorar um pouco - saudades dos seus

SEM TÍTULO

Nicolas Behr

três da madrugada no eixão
sem ter prá onde ir
sem ter prá onde correr
gritar não vale
morrer não adianta

SEM TÍTULO

Nicolas Behr

Deus está morto
Marx está morto
estou morto
vou enterrar os três
depois de amanhã

MUITO OBRIGADO

Francisco Alvim

Ao entrar na sala
cumprimentei-o com três palavras
boa tarde senhor
Sentei-me defronte dele
(como me pediu que fizesse)
Bonita vista
pena que nunca a aviste
Colhendo meu sangue: a agulha
enfiada na ponta do dedo
vai procurar a veia quase no sovaco
Discutir o assunto
fume do meu cigarro
deixa experimentar o seu
(Quanto ganhará este sujeito)
Blazer, roseta, o país voltando-lhe
no hábito do anel profissional
Afinal, meu velho, são trinta anos
hoje como ontem ao meio-dia
Uma cópia deste documento
que lhe confio em amizade
Sua experiência nos pode ser muito útil
não é incômodo algum
volte quando quiser

A MINHA PESSOA

Francisco Alvim

Só tem
Serve?

ACONTECIMENTO

Francisco Alvim

Quando estou distraído no semáforo
e me pedem esmola
me acontece agradecer

MOTEL

Francisco Alvim

Vou mostrar a vocês o meu Shangri-la

BALCÃO

Francisco Alvim

Quem come em pé
enche rápido

SOFRIMENTO

Francisco Alvim

Cara de tristeza na festa
Anda, vê um copo d' água pra teu pai

VELHO

Francisco Alvim

Todo velho fica assim
me10
Ah nem sei como fica
Ele não fica
Um velho não fica

TE CONTAR

Francisco Alvim

Dorzinha enjoada
Ela começa perco a graça
Dói aí e dói aqui
Dorzinha chata

IRANI, MANDA GILSON EMBORA

Francisco Alvim

Eu mando
mas ele não vai

OLHA

Francisco Alvim

Um preto falando
com toda clareza
e simpatia humana

MUITO ÓTIMO

Francisco Alvim

veio o homem
falou pra mim
pra mim
deitar no chão
dormir
dormir
que amanhã vou ser atendida
na
meia-noite

O GÊNIO DA LÍNGUA

Francisco Alvim

Corno manso
Bobo alegre

TIRA TEIMA

Bernardo Vilhena

Tire a faca do peito
e o medo dos olhos
Ponha uns óculos escuros
e saia por aí. Dando bandeira

Tire o nó da garganta
que a palavra corre fácil
sem desculpas nem contornos
Direta: do diafragma ao céu da boca

Tire o trinco da porta
liberte a corrente de ar
Deixe os bons ventos levantarem a poeira
levando o cisco ao olho grande

Tire a sorte na esquina
na primeira cigana ou no velho realejo
Leia o horóscopo e olhe o céu
lembre-se das estrelas e da estrada

Tire o corpo da reta
e o cu da seringa
que malandro é você, rapaz
o lado bom da faca é o cabo

Tire a mulher mais bonita
pra dançar e dance
Dance olhando dentro dos olhos
até que ela morra de vergonha

Tire o revólver e atire
a primeira pedra
a última palavra
a praga e a sorte
a peste, ou o vírus?

VIDA BANDIDA

Bernardo Vilhena

chutou a cara do cara caído
traiu o melhor amigo
corrente soco inglês e canivete

o jornal não poupou elogios
sangue & porrada na madrugada
É preciso viver malandro
não dá para se segurar
a cana tá brava a vida tá dura
mas um tiro só não dá para derrubar
correr com lágrimas nos olhos
não é pra qualquer um
mas o riso corre fácil
quando a grana corre solta
precisa ver os olhos da mina
na subida da barra
aí é só de brincadeira
ainda não inventaram dinheiro
que eu não pudesse ganhar

REVANCHE

Bernardo Vilhena

eu sei que já faz muito tempo
que a gente volta aos princípios
tentando acertar o passo
usando mil artifícios
mas sempre alguém tenta um salto
e a gente é que paga por isso

fugimos pras grandes cidades
bichos do mato em busca do mito
de uma nova sociedade
escravos de um novo rito
mas se tudo deu errado,
quem é que vai pagar por isso?

a favela é a nova senzala
correntes da velha tribo
e a sala é a nova cela
prisioneiros nas grades do vídeo
e se o sol ainda nasce quadrado
quem é que vai pagar por isso?

o café, um cigarro, um trago,
tudo isso não é vício
são companheiros da solidão,
mas isso só foi no início

hoje em dia somos todos escravos
e quem é que vai pagar por isso

eu não quero mais nenhuma chance
eu não quero mais revanche

ATUALIDADES ATLÂNTICAS

Bernardo Vilhena

é preciso viver
atualidades
reconhecer códigos
revirar noites
ser todas as raças
todas as épocas
entrar em todas
as barras
e não sujar
em nenhuma
falando o que querendo
ouvindo o que não querendo
perseguindo a realidade
e a fantasia aí

poesia é momento
em que a gente se encontra
sendo
não por dom
pelo entorpecente trabalho
de pensar no tempo
nos contemporâneos
obstinadamente
feito um tubarão

POR MARES NUNCA D'ANTES NAVEGADOS

Leila Míccolis

Decididamente,
escola não era o lugar de Camões...
Que me perdoem os mestres
com suas erudições,
mas, epopéia, era sair cedo da cama,
só para encontrar Vasco da Gama.
Cheia de sono,
nem o lia:
mal abria Os Lusíadas,
ao abandono de divagar
eu me entregava.
E como viajava:
Coimbra, Ceuta, Goa,
Índia, Moçambique, Lisboa...
Esta sim era a vida que eu sonhava...
E que vidinha boa!
Não a de estudos,
sisudos,
miúdos.
A certa altura,
logo depois da formatura,
quando cessou tudo o que a Musa antiga cantou
que outro valor mais alto se alevantou,
de Camões me perdi.
E só há pouco entendi
quanta aprendizagem havia
nas v(ad)iagens que eu, turista,
empreendia.
Então num movimento saudosista
— bem português —,
agora cheia de lucidez e nostalgia,
suspiro,
ao ver que de mim se distancia
por toda a parte, sem engenho, a arte.
E a conclusão final que eu tiro,
pá,
é de que mesmo sem eu ler poesia,
para o seu Reino, cheio de magia,
Camões, fidalgo, me levava lá...

EFEITOS ÓTICOS

Leila Míccolis

Quanto mais se envelhece
mais os mortos se aproximam.
Mas a conversa é difícil:
eles usam expressões diáfanas,
ectoplásticas,
e sussurram sombras.
Às vezes,
figuras nos muram grafitam;
outros,
em torno da palavras gravitam.
E sempre que se vão,
atravessando tijolo,
concreto, cimento e cal,
nos deixam a confirmação
— nenhuma parede é real.

AQUARELA

Leila Míccolis

Da minha infância
retiro as fotografias da família
no luto diário,
os olhos invisíveis
condenando curiosidades,
o baú de preciosidades
(e traças devassas),
trancadas a cadeado,
os sonhos desenfreados,
a mística do susto,
os flagrantes,
evitados a custo,
e por fim retiro-me do porão
com tudo o que continha minha imaginação
delirante.
Fica a vida.
Que nem parecia importante

VÃ FILOSOFIA...

Leila Míccolis

Falas muito de Marx,
de divisão de tarefas,
de trabalho de base,
mas quando te levantas
nem a cama fazes...

CAMADAS

Leila Míccolis

Ser livre não é manter-se
intocável, sem entregas,
nem se dar também, às cegas,
a tudo o que nos agrada.
Ser livre é viver a idade
que sente o nosso querer,
é viver conforme a vida
é sobretudo viver.
E viver é mergulhar
pra emergir com o submerso,
ampliando, a cada dia,
os limites do universo

DEVASTAÇÃO

Leila Míccolis

Vêm os jovens
e escrevem nas árvores seus nomes entrelaçados;
voltam adultos
e destroem esses corações apaixonados.

ENGORDA

Leila Míccolis

Ilusões para os aflitos,
para a mulher, segurança,
para a casa, samambaias;
consolo para os doentes,
conselhos aos desgarrados,
aos leitos de amor, cambraias.
Sorvetes para as crianças,
esmolas para os famintos,
para os turistas, as praias,
para os homens futebol,
televisão para todos
e alface para as cobaias.

DESCRÉDITO

Leila Míccolis

Se me perguntam:
— Escrever pra TV, rende?",
respondo: "Depende
dos créditos",
— aquelas letrinhas em que aparecem
o nome da gente
no começo ou no final,
dependendo do canal.
A gente briga pra tê-los,
pra vê-los nas novelas, seriados
e acaba pirado
porque escritor não tem crédito
nem em Banco,
já que o saldo é meio manco
e ninguém credita nada.
Ê profissõozinha desacreditada...

SEPARAÇÃO

Leila Míccolis

Não houve culpados.
Só feridos.

UMA NOITE

Afonso Henriques Neto

o tio cuspiu pardais de cinco em cinco minutos.
esta grama de lágrimas forrando a alma inteira
(conforme se diz da jaula de nervos)
recebe os macios passos de toda a família
na casa evaporada

mais os vazios passos
de ela própria menina.

a avó puxava linhas de cor de dentro dos olhos.
uma gritaria de primos e bruxas escalava o vento
escalpelava a tempestade
pedaços de romã podre
no bolor e charco do tanque.

o pai conduzia a festa
como um barqueiro
puxando peixes mortos

nós
os irmãos
jogávamos no fogo
dentaduras pétalas tranças
fotografias cuspes aniversários
e sempre
uma canção
só cal e ossos
a mãe de nuvem parindo orquídeas no cimento.

NOTÍCIAS DO SILÊNCIO

Afonso Henriques Neto

liberdade é o ccete
precisamos é de pão.
nem só de paraíso
morre o homem
cancerado coração.

democracia tudo bem

e o menino sem saliva.
na noite dos embusteiros
cultura posta a porrada
nas tripas da Rotativa.

enquanto os donos da esquerda
se chupam com os da direita
o pássaro não sonha o vôo
a vida morta na merda
corno um carrasco à espreita.

NA FEIRA

Afonso Henriques Neto

mulher na feira entre peixes cortados
nos jornais do dia o sangue embrulhado

mulher e palavras florindo desertos
notícia enguiçada em legumes quietos

mulher na feira entre frutas e céu
desejo mordendo a fome a granel

mulher a girar o corpo tão belo
solar perfume de abismo amarelo

ENGOLE O PEIXE COM A ESPINHA

Afonso Henriques Neto

e tocarás a guelra de Deus

aprende todas as palavras
antes de reduzi-las a Uma

ser infinitas palavras
não precisar de Nenhuma

POEMA PORRADA

Roberto Piva

Eu estou farto de muita
coisa
não me transformarei
em subúrbio
não serei uma válvula sonora
não serei paz
eu quero a destruição
de tudo que é frágil:
cristãos fábricas palácios
juízes patrões e operários
uma noite destruída cobre os dois sexos
minha alma sapateia feito louca
um tiro de máuser atravessa o
tímpano de
duas centopéias
o universo é cuspidor pelo cu
sangrento
de um Deus-Cadela
as vísceras se comovem
eu preciso dissipar o encanto do meu velho
esqueleto
eu preciso esquecer que existo
mariposas perfuram o céu de cimento
eu me entrincheiro no Arco-Íris
Ah voltar de novo à janela
perder o olhar nos telhados
como
se fossem o Universo
o girassol de Oscar Wilde
entardece sobre os tetos
eu preciso partir um dia para muito longe
o mundo exterior tem pressa demais para mim
São Paulo e a Rússia não podem parar
quando eu ia ao colégio Deus tapava os ouvidos para mim?

VOU MOER TEU CÉREBRO

Roberto Piva

vou moer teu cérebro. vou retalhar tuas
coxas imberbes & brancas.
vou dilapidar a riqueza de tua

adolescência. vou queimar teus
 olhos com ferro em brasa.
 vou incinerar teu coração de carne &
 de tuas cinzas vou fabricar a
 substância enlouquecida das
 cartas de amor

PIAZZA I

Roberto Piva

Uma tarde
 é suficiente para ficar louco
 ou ir ao Museu ver Bosch
 uma tarde de inverno
 sobre um grave pátio
 onde garofani milk-shake & Claude
 obcecado com anjos
 ou vastos motores que giram com
 uma graça seráfica
 tocar o banjo da Lembrança
 sem o Amor encontrado provado sonhado
 & longos viveiros municipais
 sem procurar compreender
 imaginar
 a medula sem olhos
 ou pássaros virgens
 aconteceu que eu revi
 a simples torre mortal do Sonho
 não com dedos reais & cilíndricos
 Du Barry Byron Marquesa de Santos
 Swift Jarry com barulho
 de sinos nas minhas noites de bárbaro
 os carros de fogo
 os trapézios de mercúrio
 suas mãos escrevendo & pescando
 ninfas escatológicas
 pequenos canhoes do sangue & os grandes olhos abertos
 para algum milagre da Sorte

METEORO
Roberto Piva

Eu direi as palavras mais terríveis esta noite
enquanto os ponteiros se dissolvem
contra o meu poder
contra o meu amor
no sobressalto da minha mente
meus olhos dançam
no alto da Lapa os mosquitos me sufocam
que me importa saber se as mulheres são
férteis se Deus caiu no mar se
Kierkegaard pede socorro numa montanha
da Dinamarca?
os telefones gritam
isoladas criaturas caem no nada
os órgãos de carne falam morte
morte doce carnaval de rua do
fim do mundo
eu não quero elegias mas sim os lírios
de ferro dos recintos
há uma epopéia nas roupas penduradas contra
o céu cinza
e os luminosos me fitam do espaço alucinado
quantos lindos garotos eu não vi sob esta luz?
eu urrava meio louco meio estarrado meio fendido
narcóticos santos ó gato azul da minha mente
Oh Antonin Artaud
Oh Garcia Lorca
com seus olhos de aborto reduzidos
a retratos
almas
almas
como icebergs
como velas
como manequins mecânicos
e o clímax fraudulento dos sanduíches almoços
sorvetes controles ansiedades
eu preciso cortar os cabelos da minha alma
eu preciso tomar colheradas de
Morte Absoluta
eu não enxergo mais nada
meu crânio diz que estou embriagado
suplícios genuflexões neuroses
psicanalistas espetando meu pobre
esqueleto em férias

eu apertava uma árvore contra meu peito
 como se fosse um anjo
 meus amores começam crescer
 passam cadillacs sem sangue os helicópteros
 magem
 minha alma minha canção bolsos abertos
 da minha mente
 eu sou uma alucinação na ponta de teus olhos

POEMA VERTIGEM

Roberto Piva

Eu sou a viagem de ácido
 nos barcos da noite
 Eu sou o garoto que se masturba
 na montanha
 Eu sou o tecno pagão
 Eu sou o Reich, Ferenczi & Jung
 Eu sou o Eterno Retorno
 Eu sou o espaço cibernético
 Eu sou a floresta virgem
 das garotas convulsivas
 Eu sou o disco-voador tatuado
 Eu sou o garoto e a garota
 Casa Grande & Senzala
 Eu sou a orgia com o
 garoto loiro e sua namorada
 de vagina colorida
 (ele vestia a calcinha dela
 & dançava feito Shiva
 no meu corpo)
 Eu sou o nômade de Orgônio
 Eu sou a Ilha de Veludo
 Eu sou a Invenção de Orfeu
 Eu sou os olhos pescadores
 Eu sou o Tambor do Xamã
 (& o Xamã coberto
 de peles e andrógino)
 Eu sou o beijo de Urânio
 de Al Capone
 Eu sou uma metralhadora em
 estado de graça
 Eu sou a pomba-gira do Absoluto

CONVERSA DE SENHORAS

Ana Cristina Cesar

Não precisa nem casar
 Tiro dele tudo o que preciso
 Não saio mais daqui
 Duvido muito
 Esse assunto de mulher já terminou
 O gato comeu e regalou-se
 Ele dança que nem um realejo
 Escritor não existe mais
 Mas também não precisava virar deus
 Tem alguém na casa
 Você acha que ele aguenta?
 Sr. ternura está batendo
 Eu não estava nem aí
 Conchavando: eu faço a tréplica
 Armadilha: louca pra saber
 Ela é esquisita
 Também você mente demais
 Ele está me patrulhando
 Para quem você vendeu seu tempo?
 Não sei dizer: fiquei com o gauche
 Não tem a menor lógica
 Mas e o trampo?
 Ele está bonzinho
 Acho que é mentira

O HOMEM PÚBLICO N. 1

Ana Cristina Cesar

Tarde aprendi
 bom mesmo
 é dar a alma como lavada.
 Não há razão
 para conservar
 este fiapo de noite velha.
 Que significa isso?
 Há uma fita
 que vai sendo cortada
 deixando uma sombra
 no papel.
 Discursos detonam.
 Não sou eu que estou ali
 de roupa escura

sorrindo ou fingindo
ouvir.
No entanto
também escrevi coisas assim,
para pessoas que nem sei mais
quem são,
de uma doçura
venenosa
de tão funda.

FISIONOMIA

Ana Cristina Cesar

não é mentira
é outra
a dor que dói
em mim
é um projeto
de passeio
em círculo
um malogro
do objeto
em foco
a intensidade
de luz
de tarde
no jardim
é outrart
outra a dor que dói

SONETO

Ana Cristina César

Pergunto aqui se sou louca
Quem quer saberá dizer
Pergunto mais, se sou sã
E ainda mais, se sou eu

Que uso o viés pra amar
E finjo fingir que finjo
Adorar o fingimento

Fingindo que sou fingida

Pergunto aqui meus senhores
quem é a loura donzela
que se chama Ana Cristina

E que se diz ser alguém
É um fenômeno mor
Ou é um lapso sutil?

CONTAGEM REGRESSIVA

Ana Cristina Cesar

Acreditei que se amasse de novo
esqueceria outros
pelo menos três ou quatro rostos que amei
Num delírio de arquivística
organizei a memória em alfabetos
como quem conta carneiros e amansa
no entanto flanco aberto não esqueço
e amo em ti os outros rostos.

SAMBA-CANÇÃO

Ana Cristina Cesar

Tantos poemas que perdi
Tantos que ouvi, de graça,
pelo telefone – taí,
eu fiz tudo pra você gostar,
fui mulher vulgar,
meia-bruxa, meia-fera,
risinho modernista
arranhado na garganta,
malandra, bicha,
bem viada, vândala,
talvez maquiavélica,
e um dia emburrei-me,
vali-me de medidas
(era uma estratégia),
fiz comércio, avara,

embora um pouco burra,
porque inteligente me punha
logo rubra, ou ao contrário, cara
pálida que desconhece
o próprio cor-de-rosa,
e tantas fiz, talvez
querendo a glória, a outra
cena à luz de spots,
talvez apenas teu carinho,
mas tantas, tantas fiz...

CARTILHA DA CURA

Ana Cristina Cesar

As mulheres e as crianças são as primeiras que desistem de
afundar navios.

RECUPERAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

Ana Cristina Cesar

é sempre mais difícil
ancorar um navio no espaço

FLORES DO MAIS

Ana Cristina Cesar

devagar escreva
uma primeira letra
escreva
nas imediações construídas
pelos furacões;
devagar meça
a primeira pássara
bisonha que
riscar
o pano de boca
aberto
sobre os vendavais;

devagar imponha
o pulso
que melhor
souber sangrar
sobre a faca
das marés;
devagar imprima
o primeiro
olhar
sobre o galope molhado
dos animais; devagar
peça mais
e mais e
mais

PSICOGRAFIA

Ana Cristina César

Também eu saio à revelia
e procuro uma síntese nas demoras
cato obsessões com fria têmpera e digo
do coração: não sou e digo
a palavra: não digo (não posso ainda acreditar
na vida) e demito o verso como quem acena
e vivo como quem despede a raiva de ter visto

UM BEIJO

Ana Cristina César

um beijo
que tivesse um blue.
Isto é
imitasse feliz a delicadeza, a sua,
assim como um tropeço
que mergulha surdamente
no reino expresso
do prazer.
Espio sem um ai
as evoluções do teu confronto
à minha sombra
desde a escolha
debruçada no menu;

um peixe grelhado
um namorado
uma água
sem gás

de decolagem:
leitor embevecido
talvez ensurdecido
"ao sucesso"
diria meu censor
"à escuta"
diria meu amor

SEM TÍTULO

Ana Cristina César

Apaixonada,
saquei minha arma,
minha alma,
minha calma.
Só você não sacou nada.

SEM TÍTULO

Ana Cristina César

Acreditei que se amasse de novo
esqueceria outros
pelo menos três ou quatro rostos que amei
Num delírio de arquivística
organizei a memória em alfabetos
como quem conta carneiros e amansa
no entanto flanco aberto não esqueço
e amo em ti os outros rostos

SEM TÍTULO

Ana Cristina César

olho muito tempo o corpo de um poema
até perder de vista o que não seja corpo
e sentir separado dentre os dentes
um filete de sangue
nas gengivas

CIÚMES

Ana Cristina Cesar

Tenho ciúmes deste cigarro que você fuma
Tão distraidamente.

NESTAS CIRCUNSTÂNCIAS O BEIJA-FLOR VEM SEMPRE AOS MILHARES

Ana Cristina Cesar

Este é o quarto Augusto. Avisou que vinha. Lavei os sovacos e os
pezinhos. Preparei o chá. Caso ele me cheirasse... Ai que
enjôo me dá o açúcar do desejo.

É AQUI

Ana Cristina Cesar

por enquanto
ainda não tem
cortina
tapete luz indireta
amenizando a noite
quadro nas paredes

OLHOS DE RESSACA

Geraldo Carneiro

minha deusa negra quando anoitece
desce as escadas do apartamento
e procura a estátua no centro da praça
onde faz o ponto provisoriamente

eu fico na cama pensando na vida
e quando me canso abro a janela
enxergando o porto e suas luzes foscas
o meu coração se queixa amargamente
penso na morena do andar de baixo
e no meu destino cego, sufocado
nesse edifício sórdido & sombrio
sempre mal e mal vivendo de favores

e a minha deusa corre os esgotos
essa rede obscura sob as cidades
desde que a noite é noite e o mundo é mundo
senhora das águas dos encanamentos

eu escuto o samba mais dolente & negro
e a luz difusa que vem do inferninho
no primeiro andar do prédio condenado
brilha nos meus tristes olhos de ressaca

e a minha deusa, a pantera do catre
consagrada à fome e à fertilidade
bebe o suor de um marinheiro turco
e às vezes os olhos onde a lua

eu recordo os laços na beira da cama
percorrendo o álbum de fotografias
e não me contendo enquanto me visto
chego à janela e grito pra estátua

se não fosse o espelho que me denuncia
e a obrigação de guerras e batalhas
eu me arvoraria a herói como você, meu caro
pra fazer barulho e preservar os cabarés.

SEM TÍTULO

Geraldo Carneiro

Pensou que a vida fosse um jardim de audácias.

Audácia não era nome de flor

À flor da língua

Geraldo Carneiro

Uma palavra não é uma flor
 uma flor é seu perfume e seu emblema
 o signo convertido em coisa-imã
 imanência em flor: inflorescência
 uma flor é uma flor é uma flor
 (de onde talvez decorra
 o prestígio poético das flores
 com seus latins latifoliados
 na boca do botânico amador)
 a palavra não: é só florilégio
 ficção pura, crime contra a natura
 por exemplo, a palavra amor

OS FOGOS DA FALA

Geraldo Carneiro

A fala aflora à flor da boca
 às vezes como fogos de artifício
 fulguração contra os terrores do silêncio
 só espada espanto espelho
 ou pedra ficção arremessada
 ou canção para cantar as graças
 as virilhas as maravilhas da amada
 a deusa idolatrada do amor:
 essa outra voz quase jazz
 que subjaz ventríloqua de si mesma

ROMÂNTICA

Geraldo Carneiro

o poeta se enfastia da lua
 e a compara à amada
 depois se enfastia da amada
 e vice-versa

NEOPLATÔNICA

Geraldo Carneiro

a boca é o lugar onde se engendra
o silêncio e se proferem sentenças
de morte e colhem blasfêmias
e serpenteiam sortilégios
e se enfunam as flores da fala
até forjar a ficção de outra boca
de onde se extrai a idéia do beijo

NEVERMORE

Geraldo Carneiro

fizemos piqueniques em Pasárgada
tramamos romances rocambolescos
nas praias mais improváveis.
cifras grifos dragões d'além mar
cuspiam fogo em nossa eros-dicção
você era mais luz: eu era mais treva
fomos quase felizes para sempre
antes que você escolhesse o dia
a hora o grand-finale do espetáculo
(ou não escolhesse: a morte é sempre
um pas-de-deux com o deus do acaso)

BILACMANIA

Geraldo Carneiro

livre espaço a ave aurora
as asas cantando climas céus
nuvens agora o sol o vôo
a vida o olhar (re)volta
tempo alegria de novo

BALADA DO IMPOSTOR

Geraldo Carneiro

sou um impostor, um dia saberão
que simulei tudo o que sempre fui.
sou uma ficção, meu sangue é só linguagem
meu sopro é uma explosão que vem de dentro
em forma de palavra.
quando já não foi mais, serei eu mesmo.
enquanto tardo, trapaceio contra o tempo,
a máquina que vai me devorando,
e vou passando como tudo passa
em busca de uma graça que ultrapasse
o círculo da minha circunstância
o espelho que não seja senão o outro
esse que me habita e que me espreita
e, não sendo eu, me acata os meus espantos

A PENÚLTIMA FANTASIA

Geraldo Carneiro

como dizia o Frederico Nietzsche,
falando a propósito de si mesmo,
sou uma nuvem que navega a esmo,
cheia de relâmpagos que dizem sim.
às vezes sou cumulus-nimbus,
às vezes desço ao rés-do-chão dos limbos,
onde me embriago de ópios e cronópios;
às vezes desço mais, até os infernos
e provo dos horrores pós-modernos;
outras vezes, enfim, ascendo ao empíreo
sob o império do amor e vejo estrelas,
sonho vias-lácteas, tantas coisas belas;
nesses instantes, minha caravela
parece navegar por ultramares
as velas enfunadas pelos olhos teus
ou pelo sopro de um provável Deus.

ABAIXO A REALIDADE

Geraldo Carneiro

já recebi a safra da poesia
que me cumpria receber da vida.

vivo instalado no meu minifúndio
 (o João Cabral é um latifundiário)
 tramando extravagâncias que ainda hei
 de cometer ou não,
 depende só das dúvidas dos deuses,
 por que uma coisa é líquida e incerta:
 não há razão por trás da natureza.
 Camões falava já do desconcerto
 diante das coisas podres deste mundo,
 destes poderes ainda cá prestantes
 pra nos prestar serviços tão infames.
 não vou gastar a minha poesia
 celebrando os canalhas do poder.
 as musas foram feitas para o sonho,
 a dança, a escultura, as coisas belas,
 no máximo a volúpia da epopeia.
 o resto é resto, terra devoluta
 onde esses vermes nunca se revoltam
 mas se revolvem nessa lama abjeta.

MALDOROR

Geraldo Carneiro

a dor do mundo dói dentro de mim.
 ressoam no meu céu todas as dores
 de torturados e torturadores.
 a dor do amor perdido e reencontrado
 as dores do futuro e do passado.
 o fado, o enfado, o fardo da existência,
 a dor do bardo, a dor de W. Shakespeare,
 a dor imensa de Isidore Ducasse,
 o espanto de seus cantos Maldoror.
 a dor de Dante, da pátria perdida,
 o horror supremo de Edgar Allan Poe,
 o horror da dor, o horror do nevermore.
 o horror de Conrad, pós-apocalíptico,
 o horror do crítico, o horror do político.
 o horror devastador e democrático.
 o horror da acrópole, do bar e dos bas-fond
 eu sinto o horror e sei qual é o seu som.

BEM NO FUNDO

Paulo Leminski

No fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto

a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela — silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos
saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas.

DOR ELEGANTE

Paulo Leminski

Um homem com uma dor
É muito mais elegante
Caminha assim de lado
Com se chegando atrasado
Chegasse mais adiante

Carrega o peso da dor
Como se portasse medalhas
Uma coroa, um milhão de dólares
Ou coisa que os valha

Ópios, édens, analgésicos
Não me toquem nesse dor
Ela é tudo o que me sobra
Sofrer vai ser a minha última obra

INVERNÁCULO

Paulo Leminski

Esta língua não é minha,
 qualquer um percebe.
 Quem sabe maldigo mentiras,
 vai ver que só minto verdades.
 Assim me falo, eu, mínima,
 quem sabe, eu sinto, mal sabe.
 Esta não é minha língua.
 A língua que eu falo trava
 uma canção longínqua,
 a voz, além, nem palavra.
 O dialeto que se usa
 à margem esquerda da frase,
 eis a fala que me lusa,
 eu, meio, eu dentro, eu, quase.

RAZÃO DE SER

Paulo Leminski

Escrevo. E pronto.
 Escrevo porque preciso,
 preciso porque estou tonto.
 Ninguém tem nada com isso.
 Escrevo porque amanhece,
 E as estrelas lá no céu
 Lembram letras no papel,
 Quando o poema me anoitece.
 A aranha tece teias.
 O peixe beija e morde o que vê.
 Eu escrevo apenas.
 Tem que ter por quê?

NÃO DISCUTO

Paulo Leminski

não discuto
 com o destino
 o que pintar
eu assino

A LUA NO CINEMA

Paulo Leminski

A lua foi ao cinema,
passava um filme engraçado,
a história de uma estrela
que não tinha namorado.

Não tinha porque era apenas
uma estrela bem pequena,
dessas que, quando apagam,
ninguém vai dizer, que pena!

Era uma estrela sozinha,
ninguém olhava pra ela,
e toda a luz que ela tinha
cabia numa janela.

A lua ficou tão triste
com aquela história de amor
que até hoje a lua insiste:
— Amanheça, por favor!

SEM TÍTULO

Paulo Leminski

Eu tão isósceles
Você ângulo
Hipóteses
Sobre o meu tesão

Teses sínteses
Antíteses
Vê bem onde pises
Pode ser meu coração

BEM NO FUNDO

Paulo Leminski

No fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria

de ver nossos problemas
resolvidos por decreto

a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela — silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos
saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas.

AMOR BASTANTE

Paulo Leminski

quando eu vi você
tive uma ideia brilhante
foi como se eu olhasse
de dentro de um diamante
e meu olho ganhasse
mil faces num só instante

basta um instante
e você tem amor bastante

POESIA:

Paulo Leminski

“words set to music” (Dante
via Pound), “uma viagem ao
desconhecido” (Maiakóvski), “cernes
e medulas” (Ezra Pound), “a fala do
infalável” (Goethe), “linguagem
voltada para a sua própria

materialidade” (Jakobson), “permanente hesitação entre som e sentido” (Paul Valery), “fundação do ser mediante a palavra” (Heidegger), “a religião original da humanidade” (Novalis), “as melhores palavras na melhor ordem” (Coleridge), “emoção lembrada na tranquilidade” (Wordsworth), “ciência e paixão” (Alfred de Vigny), “se faz com palavras, não com ideias” (Mallarmé), “música que se faz com ideias” (Ricardo Reis/Fernando Pessoa), “um fingimento deveras” (Fernando Pessoa), “criticismo of life” (Mathew Arnold), “palavra-coisa” (Sartre), “linguagem em estado de pureza selvagem” (Octavio Paz), “poetry is to inspire” (Bob Dylan), “design de linguagem” (Décio Pignatari), “lo imposible hecho possible” (Garcia Lorca), “aquilo que se perde na tradução (Robert Frost), “a liberdade da minha linguagem” (Paulo Leminski)...

EU QUANDO

Paulo Leminski

Eu
quando olho nos olhos
sei quando uma pessoa
está por dentro
ou está por fora

quem está por fora
não segura
um olhar que demora

de dentro do meu centro
este poema me olha

COGITO

Torquato Neto

eu sou como eu sou
pronome
pessoal intransferível
do homem que iniciei
na medida do impossível
eu sou como eu sou
agora
sem grandes segredos dantes
sem novos secretos dentes
nesta hora

eu sou como eu sou
presente
desferrolhado indecente
feito um pedaço de mim
eu sou como eu sou
vidente
e vivo tranquilamente
todas as horas do fim.

A RUA

Torquato Neto

toda rua tem seu curso
tem seu leito de água clara
por onde passa a memória
lembrando histórias de um tempo
que não acaba

de uma rua de uma rua
eu lembro agora
que o tempo ninguém mais
ninguém mais canta
muito embora de cirandas
(oi de cirandas)
e de meninos correndo
atrás de bandas

atrás de bandas que passavam
como o rio parnaíba
rio manso
passava no fim da rua

e molhava seu lajedos
onde a noite refletia
o brilho manso
o tempo claro da lua

ê são joão ê pacatuba
ê rua do barrocão
ê parnaíba passando
separando a minha rua
das outras, do maranhão

de longe pensando nela
meu coração de menino
bate forte como um sino
que anuncia procissão

ê minha rua meu povo
ê gente que mal nasceu
das dores que morreu cedo
luzia que se perdeu
macapreto zé velhinho
esse menino crescido
que tem o peito ferido
anda vivo, não morreu

ê pacatuba
meu tempo de brincar
já foi-se embora
ê parnaíba
passando pela rua
até agora
agora por aqui estou
com vontade
e eu vou volto pra matar
essa saudade

ê são joão ê pacatuba
ê rua do barrocão.

GELEIA GERAL

Torquato Neto

Um poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia
Resplandente, cadente, fagueira num calor girassol com alegria
Na geléia geral brasileira que o Jornal do Brasil anuncia

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
 Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

A alegria é a prova dos nove e a tristeza é teu porto seguro
 Minha terra é onde o sol é mais limpo e Mangueira é onde o samba é mais puro
 Tumbadora na selva-selvagem, Pindorama, país do futuro

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
 Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

É a mesma dança na sala, no Canecão, na TV
 E quem não dança não fala, assiste a tudo e se cala
 Não vê no meio da sala as relíquias do Brasil:
 Doce mulata malvada, um LP de Sinatra, maracujá, mês de abril
 Santo barroco baiano, superpoder de paisano, formiplac e céu de anil
 Três destaques da Portela, carne-seca na janela, alguém que chora por mim
 Um carnaval de verdade, hospitaleira amizade, brutalidade jardim

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
 Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

Plurialva, contente e brejeira miss linda Brasil diz "bom dia"
 E outra moça também, Carolina, da janela examina a folia
 Salve o lindo pendão dos seus olhos e a saúde que o olhar irradia

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
 Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

Um poeta desfolha a bandeira e eu me sinto melhor colorido
 Pego um jato, viajo, arrebento com o roteiro do sexto sentido
 Voz do morro, pilão de concreto tropicália, bananas ao vento

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
 Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

LET'S PLAY THAT

Torquato Neto

quando eu nasci
 um anjo louco muito louco
 veio ler a minha mão
 não era um anjo barroco
 era um anjo muito louco, torto
 com asas de avião

eis que esse anjo me disse
 apertando minha mão
 com um sorriso entre dentes
 vai bicho desafinar
 o coro dos contentes
 vai bicho desafinar
 o coro dos contentes
 let's play that

LOUVAÇÃO

Torquato Neto

Vou fazer a louvação
 Louvação, louvação
 Do que deve ser louvado
 Ser louvado, ser louvado
 Meu povo, preste atenção
 Atenção, atenção
 Repare se estou errado
 Louvando o que bem merece
 Deixo o que é ruim de lado
 E louvo, pra começar
 Da vida o que é bem maior
 Louvo a esperança da gente
 Na vida, pra ser melhor
 Quem espera sempre alcança
 Três vezes salve a esperança!
 Louvo quem espera sabendo
 Que pra melhor esperar
 Procede bem quem não pára
 De sempre mais trabalhar
 Que só espera sentado
 Quem se acha conformado

Vou fazendo a louvação
 Louvação, louvação
 Do que deve ser louvado
 Ser louvado, ser louvado
 Quem 'tiver me escutando
 Atenção, atenção
 Que me escute com cuidado
 Louvando o que bem merece
 Deixo o que é ruim de lado
 Louvo agora e louvo sempre

O que grande sempre é
Louvo a força do homem
E a beleza da mulher
Louvo a paz pra haver na terra
Louvo o amor que espanta a guerra
Louvo a amizade do amigo
Que comigo há de morrer
Louvo a vida merecida
De quem morre pra viver
Louvo a luta repetida
A vida pra não morrer

Vou fazendo a louvação
Louvação, louvação
Do que deve ser louvado
Ser louvado, ser louvado
De todos peço atenção
Atenção, atenção
Falo de peito lavado
Louvando o que bem merece
Deixo o que é ruim de lado
Louvo a casa onde se mora
De junto da companheira
Louvo o jardim que se planta
Pra ver crescer a roseira
Louvo a canção que se canta
Pra chamar a primavera
Louvo quem canta e não canta
Porque não sabe cantar
Mas que cantará na certa
Quando enfim se apresentar
O dia certo e preciso
De toda a gente cantar

E assim fiz a louvação
Louvação, louvação
Do que vi pra ser louvado
Ser louvado, ser louvado
Se me ouviram com atenção
Atenção, atenção
Saberão se estive errado
Louvando o que bem merece
Deixando o ruim de lado

NOSSO AMOR RIDÍCULO SE ENQUADRA NA MOLDURA DOS SÉCULOS

Waly Salomão

NOSSO AMOR RIDÍCULO SE ENQUADRA NA MOLDURA DOS SÉCULOS
 SUGO ESPIRAIS DAS NUVENS DE CIGARRO QUE FUMO
 SOFRO BAFORADAS-CARAMUJO POR ENTRE VOLUTAS DO UNIVERSO
 EU, PEQUENINO GRÃO DE AREIA-POETA, PLASMO RIMA ALITERAÇÃO
 METÁFORA OXIMORO VERSO
 PASTO PALAVRA: QUINQUILHARIA NINHARIA PALÁCIO DO NENHURES
 Ó CASTELO

DE VENTO

PASTEL DE BRISA

MONTE DE GANGA BRUTA

ESTUÁRIO DE BUGINGANGA

NONADA

EM CONFRONTO COM MANADAS MIRÍADES D'ESTRELAS ESPOUCADAS

SOBRE OS SETE DIFERENTES MARES QUE SETE ESPELHOS SÃO PARA

ALGUM MAR

ABSOLUTO

(ROMA E BAALBECK E BAGDAD E BABILÔNIA E BABEL SIDERAL)

E É NOSSO AMOR TÃO DIMINUTO

LAMPEJO DE SEGUNDO

RELÂMPAGO DISSOLUTO

FILETE DUM RIO MINÚSCULO

MICROSCÓPIO LEITO

AMORNOSSO SÉCULO:

BURACO NEGRO SORVEDOURO DE VULTO AROMA LUZ

BAGAÇOS DE ROLHA BOLHA BORRA PORRA PÓ

BEBO VINHO PRECIOSO COM MOSQUITOS DENTRO

MURIÇOCA MARUIM POTÓ

ASSALTARAM A GRAMÁTICA

Waly Salomão

Assaltaram a gramática
 Assassinaram a lógica
 Meteram poesia
 na bagunça do dia a dia

Sequestraram a fonética
 Violentaram a métrica
 Meteram poesia
 onde devia e não devia
 Lá vem o poeta
 com sua coroa de louro,
 Agrião, pimentão, boldo
 O poeta é a pimenta
 do planeta!
 (Malagueta!)

ARS POÉTICA /OPERAÇÃO LIMPEZA

Waly Salomão

Assi me tem repartido extremos, que não entendo...
 (Sá de Miranda)

I-
 SAUDADE é uma palavra
 Da língua portuguesa
 A cujo enxurro
 Sou sempre avesso
 SAUDADE é uma palavra
 A ser banida
 Do uso corrente
 Da expressão coloquial
 Da assembléia constituinte
 Do dicionário
 Da onomástica
 Do epistolário
 Da inscrição tumular
 Da carta geográfica
 Da canção popular
 Da fantasmática do corpo
 Do mapa da afeição
 Da praia do poema
 Pra não depositar
 Aluvião
 Aqui nesta ribeira.

II-
 Súbito
 Sub-reptícia sucurijuba
 A reprimida resplandece
 Se meta-formoseia

Se mata
 O q parecia pau de braúna
 Quiçá pedra de breu
 Quiçá pedra de breu
 CINTILA
 Re-nova cobra rompe o ovo
 Da casca velha
 SIBILA

III-
 SAUDADE é uma palavra
 O sol da idade e o sal das lágrima

EXTERIOR

Waly Salomão

Por que a poesia tem que se confinar
 às paredes de dentro da vulva do poema?
 Por que proibir à poesia
 estourar os limites do grelo
 da greta
 da gruta
 e se espriar em pleno grude
 além da grade
 do sol nascido quadrado?

Por que a poesia tem que se sustentar
 de pé, cartesiana milícia enfileirada,
 obediente filha da pauta?

Por que a poesia não pode ficar de quatro
 e se agachar e se esgueirar
 para gozar
 -CARPE DIEM!-
 fora da zona da página?

Por que a poesia de rabo preso
 sem poder se operar
 e, operada,
 polimórfica e perversa,
 não poder travestir-se
 com os clitóris e os balangandãs da lira?

AMANTE DA ALGAZARRA

Waly Salomão

Não sou eu quem dá coices ferradurados no ar.
 É esta estranha criatura que fez de mim seu encosto.
 É ela!!
 Todo mundo sabe, sou um lisa flor de pessoa,
 Sem espinho de roseira nem áspera lixa de folha de figueira.

Esta amante da balbúrdia cavalga encostada ao meu sóbrio ombro.
 Vixe!!
 Enquanto caminha a pé, pedestre – peregrino atônito até a morte.
 Sem motivo nenhum de pranto ou angústia rouca ou desalento:
 Não sou eu quem dá coices ferradurados no ar.
 É esta estranha criatura que fez de mim seu encosto
 E se apossou do estojo de minha figura e dela expeliu o estofo.

Quem corre desabrida
 Sem ceder a concha do ouvido
 A ninguém que dela discorde
 É esta
 Selvagem sombra acavalada que faz versos como quem morde.

ARENDA DA AGONIA

Waly Salomão

you não possui casa alguma de onde sair,
 you não pode voltar para casa nenhuma,
 o prólogo acabou e a mácula timbra a imagística:
 o beco sem saída não constitui mais
 mera figura de retórica.
 you é o beco sem saída completo:
 corpóreo,
 encorpado, e, incorporado.
 you não acha mais bainha onde encaixar sua faca.
 acabou-se o que era doce, o confete foi-se,
 está findo o efeito placebo.
 queimado o filme e desmoronada a encosta
 e esgotada a pilha da prosopopéia.
 eia, pois, advogada nossa,
 quando esse atrapalho doloroso vai passar?
 no dia da eterna noite escura de são nunca.

**LIVRO DE CONTOS
(ALMA LÍRICA PAQUIDÉRMICA)**

Waly Salomão

Alma emputecida
Sombra esquisita
Se esquiva
Entre
Laços de Família

B.O. BOLETIM DE OCORRÊNCIA

Waly Salomão

Corpo do motoboy retirado sem vida do Canal do Leblon.
Indivíduo jovem de coloração branco-duvidosa.
No seu capacete estava escrito assim:
100 JÚÍZO NEM 1.
Et cetera, et cetera, et cetera.

Em éter e cápsula radioativa dissolve-se a poesia.
As existências da terra são cinzas de mortas estrelas.
Ouro, urânio, hélio, carbono, oxigênio.
A poesia é um meteoro.
A poesia é uma chuva de meteoros.
E uma estrela
— alta, fria, brilhante, viva ou morta —
É mais simples
Menos complexa do que qualquer inseto
Logo mais fácil de entender
Do que o modelo aerodinâmico
Do besouro.

NOVELHA COZINHA POÉTICA

Waly Salomão

Pegue uma fatia de Theodor Adorno
Adicione uma posta de Paul Celan
Limpe antes os laivos de forno crematório
Até torná-la magra-enigmática
Cozinhe em banho-maria

Fogo bem baixo
 E depois leve ao Departamento de Letras
 Para o douto Professor dourar.

AMANTE DA ALGAZARRA

Waly Salomão

Não sou eu quem dá coices ferradurados no ar.
 É esta estranha criatura que fez de mim seu encosto.
 É ela !!!
 Todo mundo sabe, sou uma lisa flor de pessoa,
 Sem espinho de roseira nem áspera lixa de folha de figueira.

Esta amante da balbúrdia cavalga encostada ao meu sóbrio ombro
 Vixe!!!
 Enquanto caminho a pé, pedestre -- peregrino atônito até a morte.
 Sem motivo nenhum de pranto ou angústia rouca ou desalento:
 Não sou eu quem dá coices ferradurados no ar.
 É esta estranha criatura que fez de mim seu encosto
 E se apossou do estojo de minha figura e dela expeliu o estofo.

Quem corre desabrida
 Sem ceder a concha do ouvido
 A ninguém que dela discorde
 É esta
 Selvagem sombra acavalada que faz versos como quem morde.

Areia
 Pedra
 Ancinho
 Jardins de Kioto

Alucinado pelo destemor
 De morrer antes
 De ver diagramado este poema
 Ou eu trago Horácio pra cá
 Pra Macaé-de-Cima
 Ou é imperativo traí-lo
 E ao preceito latino de coisa alguma admirar

Sapo
 Vaga-lume
 Urutau
 Estrela

Nestes ermos cravar as tendas de Omar

Ler poesia como se mirasse uma flor de lótus
Em botão
Entreabrindo-se
Aberta

Anacreonte
Fragmentos de Safo
Hinos de Hölderlin
Odes de Reis
El jardín de senderos que se bifurcan
Jardim de Epicuro
Éden
Agulhas imantadas & frutas frescas para a vida diária.

BARROCO

Waly Salomão

Mundo e ego: palcos geminados.
Quero crer que creio
E finjo que creio
Que o mundo e ego
Ambos
São teatros
Díspares
E antípodas.
Absolutos que se refratam/difratam...
Espelhos estilhaçados que não se colam.
Entanto são
Ecos de ecos que se interpenetram
Partículas de ecos ociosos, partículas, partículas de ecos plenos que se conectam
Aí cosmos são cagados, cuspidos e escarrados pelo opíparo caos
E o uso do adjetivo está correto
Pois que o caos é um banquete.
Fantasmas de óperas.
Ratos de coxias.
Atos truncados.
Há uma lasca de palco
em cada gota de sangue
em cada punhado de terra
de todo e qualquer poema.

LEVANDO A VIDA

Zuca Sardan

No andar de cima
a antiga bailarina
debruçada na janela
batia de vassoura
no tapete persa
meio furado.

No andar de baixo
o mágico de mafuá
tirava da cartola
um ovo duro
um pratinho de azeitonas
umas empadas
e o jornal do dia
onde ele lia
aquelas mesmas notícias
de dias atrás.

A ESSÊNCIA

Zuca Sardan

A Economia é o estudo
dos homens em suas atividades
mais ordinárias.

Enfim:
... o resto da definição
é dispensável.

VIRAÇÃO

Zuca Sardan

Tentemos de novo...
A Economia é o estudo dos homens
em suas atividades ordinárias
segundo se ganham e gastam
uns meios de vida:

uns pra melhor, uns pra pior.

ou seja
gentil Leitora, distinto Leitor:
bem sabeis, cada qual
se vira como pode.

FAZENDO FORÇA

Zuca Sardan

Economia é a maneira de se virar
como se pode
Usando uns recursos escassos
chupando ar
que até parece
camaleão no sufoco:
os olhos estufados
fazendo das tripas coração

E depois distribuir
os bens produzidos
sabe-se lá como
no presente
ou no futuro, depende,
consultando talvez a cigana
mas subindo os preços sempre.

CAOS

Zuca Sardan

Ai!, quão ácido
o grasnar da gralha
de cirna do busto
de gesso d"Ishtar!...
Oh Tempo, mas que!
Espera!...
um só minuto...
por favor... Espera-
do Caos súbito
um clarão...

do céu rasgado
 s'escap' um...
 ... cometa!...
 que voa louco
 e louco voa
 e cai e cai
 se apaga
 gorgoleja
 e afunda
 no brejo
 sumiu

ABSINTO

Zuca Sardan

Sobre o bufe o sifon.
 d'absinto diabo verde
 jarro galé solferino
 cuma flor tresnoitada
 gemidos do cravo
 bom parfüm de sovaco

BOLERO

Zuca Sardan

Abertas as cortinas fane
 lua roxa crepúsculo bordo
 nuvens rosadas...
 Bolero de Ravel
 Merry... abre o leque... ,
 Plec... Plic... Plec...

VULTO

Zuca Sardan

Vulto atroz de mortalha
 bate à porta errada poc-poc.,
 presto pegou levou Doutor

Tom... por quê?, eia sus...
Sabe-se lá?... Dom Fantaz
Garnier discreto tosseteia

BANDONEON

Zuca Sardan

Salcedo ao bandoneon
espremeu espremeu
foi fazendo... ai!...
do coração umas tripas
gemendo bem gostosinha
a velha cumparsita...

CANDENTE ORATÓRIA

Zuca Sardan

Mala alto que o condor
voa a inflação
cujas penas das asas
são notas de mil

A desaceleração
do ritmo econômico
na praça mundial
já chegou ao ritmo
dolente das maracas
E a violenta freiada
o contravapor
em todos os investimentos
no velório de Dolores
foi o último cravo
cravado no caixão

PRESCRIÇÕES

Zuca Sardan

nosso autor garante
execução cuidadosa
de prescrições de poemas
de qualquer gênero
para todos os países

envio rápido
correio expresso
entrega a domicílio

MANACÁ

Zuca Sardan

Os pardais de lá
do pé de manacá
não gorjeiam qual
cá o tico-tico no fubá

MUNDO MELHOR

Zuca Sardan

Passamos prum mundo melhor
Nas aulas do Liceo Pytanga
Tod'os alunos estudam muito
E ninguém aprende nada

ESTUDOS

Zuca Sardan

Apresentamos assim estudos
astrosóficos e pyrocráticos
da mais supina importância
no Boletim do Lyceo Pytanga

MUDANDO DE CONVERSA

Capinan

Não me venham falar de éticas
 Prefiro locomotivas
 Ou motivos loucos para ser feliz
 Prefiro vagões de urânio e feijão
 Atravessando o país
 Vendo o povo acenando lenços brancos
 (Campos férteis)
 Aos que vão sul a norte
 Leste oeste
 Trilhos novos, outros brasis

E eu menino outra vez a dar adeus aos tempos da antihistória
 Quero sorrir das janelas de trens supersônicos
 Em trilhos magnéticos
 E novamente pensar que podemos alcançar as estrelas

ALGUMAS FANTASIAS

Capinan

I

É noite, tudo é mistério, eu vejo
 Há quem chore, há quem ligue a chave de ignição
 Entretanto em meu coração fortemente chove
 Chove chove chove

Enquanto chove, choro e relampeja
 Se despem e se despedem todos os amantes
 As chaves de ignição acendem os trovões
 Apagam-se as velas e assim seja

VII

Os carros são cada ano mais potentes
 E capazes de desenvolver velocidades surpreendentes
 São capazes de atirar quilômetros animais árvores
 gente
 Não sei porque a vida se faz tão urgente

VIII

Sou político
 E nem sei o que possa dizer com isso
 Mas é da época ser político
 E há vários políticos
 E cada um tem a sua verdade política
 E a sua maneira política de ser político
 E cada político tem o seu melhor mundo a oferecer
 Sou político e também penso que talvez tenha um mundo
 Mas nem por isso, talvez somente fantasie inútil
 E acredite poder alterar esse inexorável rumo.

Fui tão político às vezes que desdenhei as formas
 E contestei as normas
 E confessei ridículas as pétalas de rosas
 Fui tão político às vezes que fiz da beleza uma coisa perigosa
 E tão político às vezes que tornou-se a noite pavorosa
 Fui tão político às vezes que se desfizeram as minhas mãos amorosas
 E tão político às vezes que pensei entender a guerra
 O chumbo e a pólvora
 Fui tão político às vezes que despendi mil impossíveis horas
 Dissolvendo em amnésia todas as memórias

As máquinas são políticas
 As poéticas são políticas
 As canções são políticas
 Mas eu desconfio que alguma coisa possa deixar de ser

MADRUGADAS DE NARCISO

Capinan

Encalho nas madrugadas as minhas velas em farrapos
 Sou eu mesmo os marinheiros
 Sou eu mesmo a cabotagem
 Sou eu quem traça os portos do roteiro
 E torna em desespero a bússola da viagem

Naufrago nas madrugadas
 Mas eu mesmo me faço nadar em vão até as mais longínquas praias
 Sou eu a maresia, a calmaria e a tempestade
 Sou eu mesmo a terra à vista
 Inalcançável

OUTRAS CONFISSÕES

Capinan

Narciso se despe, é noite, estão ladrando os cães
 Os cães provavelmente ladrarão inteiramente a noite
 Enquanto a lua cheia obtura os dentes podres das canções
 Um traficante boliviano
 Diz alô de Amsterdã
 Um fracassado governante
 Diz alô num telegrama
 Tudo é ópio, para um ex-marxista
 Para um ex-espiritualista, tudo é transe.
 Tudo é provisoriamente eterno para os poetas
 Tudo é eternamente provisório para os amantes
 E o poema apenas a configuração do instante

DIDÁTICA

Capinan

A poesia é a lógica mais simples.
 Isso surpreende
 Aos que esperam ser um gato
 Drama maior que o meu sapato.
 Ou aos que esperam ser o meu sapato,
 Drama tanto mais duro que andar descalço
 E ainda aos que pensam não ser o meu andar descalço
 Um modo calmo.

(Maior surpresa terão passado
 Os que julgam que me engano:
 Ah, não sabem o quanto quero o sapato
 Nem sabem o quanto trago de humano
 Nesse desespero escasso.
 Não sabem mesmo o que falo
 Em teorema tão claro.

Como não se cansariam ao me buscar os passos
 Pois tenho os pés soltos e ando aos saltos
 E, se me alcançassem, como se chocariam ao saber que faço
 A lógica da verdade pelos pontos falsos)

POESIA PURA

Capinan

Se esta é a busca da noite enquanto noite,
 A busca intensa que nada perturba,
 Nego a sensibilidade, pois ela acrescenta.
 Nego a compreensão, pois ela já tem noções
 E pode perturbar a flor pelo conhecer do homem.
 Hoje não relaciono, não comprometo.
 Quero a coisa em seu íntimo mais grave
 Quero a coisa, essencialmente a coisa,
 A coisa metafísica, para provar a impossibilidade.

O REBANHO E O HOMEM

Capinan

O rebanho trafega com tranqüilidade o caminho:
 É sempre uma surpresa ao rebanho que ele chegue
 Ao campo ou ao matadouro.
 Nenhuma raiva
 Nenhuma esperança o rebanho leva.
 Pouco importa que a flor sucumba aos cascos
 Ou ainda que sobreviva.
 Nenhuma pergunta o rebanho não diz:
 Até na sede ele é tranqüilo
 Até na guerra ele é mudo.
 O rebanho não pronuncia,
 Usa a luz mas nunca explica a sua falta
 Usa o alimento sem nunca se perguntar
 Sobre o rebanho o sexo
 Que ele nunca explicara
 E as fêmeas cobertas
 Recebem a fecundidade sem admiração.
 A morte ele desconhece e a sua vida.
 No rebanho não há companheiros,
 Há cada corpo em si sem lucidez alguma.

O rebanho não vê a cara dos homens
 Aceita o caminho e vai escorrendo
 Num andar pesado sobre os campos.

POESIA PURA

Capinan

Se esta é a busca da noite enquanto noite,
 A busca intensa que nada perturba,
 Nego a sensibilidade, pois ela acrescenta.
 Nego a compreensão, pois ela já tem noções
 E pode perturbar a flor pelo conhecer do homem.
 Hoje não relaciono, não comprometo.
 Quero a coisa em seu íntimo mais grave
 Quero a coisa, essencialmente a coisa,
 A coisa metafísica, para provar a impossibilidade.

O REBANHO E O HOMEM

Capinan

O rebanho trafega com tranqüilidade o caminho:
 É sempre uma surpresa ao rebanho que ele chegue
 Ao campo ou ao matadouro.
 Nenhuma raiva
 Nenhuma esperança o rebanho leva.
 Pouco importa que a flor sucumba aos cascos
 Ou ainda que sobreviva.
 Nenhuma pergunta o rebanho não diz:
 Até na sede ele é tranqüilo
 Até na guerra ele é mudo.
 O rebanho não pronuncia,
 Usa a luz mas nunca explica a sua falta
 Usa o alimento sem nunca se perguntar
 Sobre o rebanho o sexo
 Que ele nunca explicara
 E as fêmeas cobertas
 Recebem a fecundidade sem admiração.
 A morte ele desconhece e a sua vida.
 No rebanho não há companheiros,
 Há cada corpo em si sem lucidez alguma.

O rebanho não vê a cara dos homens
 Aceita o caminho e vai escorrendo
 Num andar pesado sobre os campos.

PONTEIO

Capinan

Era um, era dois, era cem
 Era o mundo chegando e ninguém
 Que soubesse que eu sou violeiro
 Que me desse ou amor ou dinheiro
 Era um era dois era cem
 Vieram pra me perguntar
 Oh você de onde vai de onde vem
 Diga logo o que tem pra cantar
 Parado no meio do mundo
 Pensei chegar meu momento
 Olhei pro mundo e nem via
 Nem sombra nem sol nem vento

Quem me dera agora
 Eu tivesse a viola
 Pra cantar

Era um dia, era claro, quase meio
 Era um canto calado sem ponteio
 Violência, viola violeiro
 Era a morte em redor mundo inteiro
 Era um dia, era claro, quase meio
 Era um que jurou me quebrar
 Mas não lembro de dor nem receio
 Só sabia das ondas do mar
 Jogaram a viola no mundo
 Mas fui lá ho fundo buscar
 Se toma a viola eu ponteio
 Meu canto não posso parar

Quem me dera agora
 Eu tivesse a viola
 Pra cantar

Era um era dois, era cem
 Era um dia, era claro, quase meio
 Encerrar meu cantar já convém
 Prometendo um novo ponteio
 Este dia bem claro por inteiro
 Eu espero não vá demorar
 Este dia estou certo que vem
 Digo logo que vim pra buscar
 Parado no meio do mundo
 Não deixo a viola de lado

Vou ver o tempo mudado
 E um novo lugar pra cantar
 Quem me dera agora

Eu tivesse a viola pra cantar
 Ponteio, ponteio
 Todo mundo
 Pontear

SOY LOCO POR TI AMERICA

Capinan

Soy loco por ti, América
 Yo voy traer una mujer playera
 Que su nombre sea Marti, que su nombre sea Marti
 Soy loco por ti de amores
 Tenga como colores la espuma blanca de Latinoamérica
 Y ei cielo como bandera, y ei cielo como bandera

Soy toco por ti, América,
 Soy toco por ti de amores

Sorriso de quase nuvem, os rios, canções, o medo
 O corpo cheio de estrelas, o corpo cheio de estrelas
 Como se chama a amante
 Esse país sem nome, esse tango, esse rancho,
 Esse povo, digam-me, arde o fogo de conhecê-la!
 O fogo de conhecê-la

Soy toco por ti, América!
 Loco por ti de amores
 El nombre dei hombre muerto
 Ya no se puede decirlo, quién sabe?
 Antes que o dia arrebente, antes que o dia arrebente
 El nombre del hombre muerto
 Antes que a definitiva noite se espalhe em Latinoamérica
 El nombre del hombre es pueblo,
 El nombre del hombre es pueblo

Soy loco por ti! América!
 Loco por ti de amores

Espero o amanhã que cante
 El nombre del hombre muerto

Não sejam palavras tristes, soy loco por ti de amores
 Um poema ainda existe
 Com palmeiras, com trincheiras, canções de guerra
 Quem sabe, canções do mar
 Ai, hasta te comover, ai, hasta te comover

Soy toco por ti! América
 Soy toco por ti de amores

Estou aqui de passagem,
 Sei que adiante um dia vou morrer
 De susto, de bala ou vício
 De susto, de bala ou vício
 Num precipício de luzes
 Entre saudades, soluços, eu vou morrer de braços
 Nos braços, nos olhos, nos braços de uma mulher
 Nos braços de uma mulher
 Mas apaixonado ainda
 Dentro dos braços da camponesa, guerrilheira, manequim,
 Ai de mim, nos braços de quem me queira
 Nos braços de quem me queira

Soy loco por ti, América
 Soy loco por ti de amores

CLARICE

Capinan

Há muita gente
 Apagada pelo tempo
 Nos papéis desta lembrança
 Que tão pouca me ficou
 Igrejas brancas, luas claras nas varandas
 Jardim de sonho e cirandas
 Foguetes claros no ar

Que mistério tem Clarice
 Pra guardar-se assim tão firme
 No coração

Clarice era morena
 Como as manhãs são morenas
 Era pequena no jeito de não ser quase ninguém
 Andou conosco caminhos de frutas e passarinhos
 Mas jamais que se despiu

Entre os meninos e os peixes
Entre os meninos e os peixes
Do rio

Eu pergunto o mistério
Que mistério tem Clarice
Pra guardar-se assim tão firme
No coração

Tinha receio do frio
Medo de assombração
Um corpo que não mostrava
Feito de adivinhação
Os botões sempre fechados
Clarice tinha o recato
De convento e procissão

Que mistério tem Clarice
Que mistério tem Clarice
Pra guardar-se assim tão firme
No coração

Soldado fez continência
O coronel reverência
O padre fez penitência
Três novenas e uma trezena
Mas Clarice era inocência
Nunca mostrou-se a ninguém
Fez-se modelo das lendas
Das lendas que nos contaram
As avós

Eu pergunto o mistério
Que mistério tem Clarice
Pra guardar-se assim tão firme
No coração

Tem que um dia amanhecia e Clarice
Assistiu minha partida
Chorando pediu lembrança
E vendo o barco se afastar de Amaralina
Desesperadamente linda
Soluçando e lentamente
E lentamente despiu o corpo moreno
E entre todos os presentes
Até que seu amor sumisse
Permaneceu no adeus chorando e nua

Para que a tivesse toda
Todo tempo que existisse

Que mistério tem Clarice
Que mistério tem Clarice
Pra guardar-se assim tão firme
No coração?

PAPEL MACHÊ

Capinan

Cores do mar
Festa do Sol
Vida é fazer
Todo sonho brilhar
Ser feliz
No seu colo dormir
E depois acordar
Sendo seu colorido brinquedo
De papel machê

Dormir no teu colo
É tornar a nascer
Violeta e azul
Outro ser
Luz do querer
Não vai desbotar
Lilás cor do mar
Seda cor do batom
Arco-íris crepom
Nada via desbotar
Brinquedo de papel machê

SPIK(SIC)TUPINIK

Glauco Mattoso

Rebel without a cause, vômito do mito
da nova nova nova nova geração,
cuspo no prato e janto junto com palmito
obaioque (o forrock, o rockixe),o rockão,
Receito a seita de quem samba e roquenrola:
Babo, Bob, pop, pipoca, cornflake;
take a cocktail de coco com cocacola,
de whisky e estircnina make a milkshake.
Tem híbridos morfemas a língua que falo,
meio nega-bacana, chiquita maluca;
no rolo embananado me embolo, me embalo,
solução - hic - e desligo - clic - a cuca.

Sou luxo, chulo e chic, caçula e cacique.
I am a tupinik, eu falo em tupinik.

NATAL

Glauco Mattoso

Nasci glaucomattoso, não poeta.
Poeta me tornei pela revolta
que contra o mundo a língua suja solta
e a vida como báratro interpreta.

Bastardo como bardo, minha meta
jamais foi ao guru servir de escolta
nem crer que do Messias venha a volta,
mas sim invectivar tudo o que veta.

Compenso o que no abuso se me impôs
(pedal humilhação) com meu fetiche,
lambendo, por debaixo, os pés do algoz.

Mas não compenso, nem que o gozo esguinche,
masoca, esta cegueira, e meus pornôs
poemas de Bocage são pastiche.

Soneto escatológico

Glauco Mattoso

"Cagando estava a dama mais formosa..."
Assim falou Bocage num soneto
do mesmo naipe deste que cometo
sobre a reputação que a merda goza.

A crítica a compara à rara rosa
se obrada na miséria dalgum gueto.
Políticos proferem-na: "Eu prometo..."
e a mídia a tematiza em verso e prosa.

É tanto incompetente apadrinhado
fazendo merda e sendo promovido
que, quando comecei o aprendizado,

Pensei: "Que seja próprio o seu sentido,
porque já me enojei do figurado!"
E então fui rei da merda com que agrido.

EREÇÃO HOSPITALAR

Glauco Mattoso

Si um micróbio nos infecta,
o remédio é "tarja preta".
Medicar-me ha lei que veta
caso o acesso me accommetta!

Quer tirar o eu da recta
o meu medico! E diz peta
quem prohibe e quem decreta
que é maléfica a punheta!

Pathologica si for
a punheta, vou suppor
que foder faz mal, mais mal!

Si assim "sesse", que "foria"
de quem goza todo dia
numa cama de hospital?

CAFONICE PHONOGRAPHICA

Glauco Mattoso

“Ver você com outro alguém
me fará morrer de dor!
Sem você não sou ninguém,
meu amor, sem seu calor...”

Coisa e tal, e nhenhenhem...
É difícil de suppor
que tal letra ainda tem,
para alguém, algum valor!

“Vem, amor, commigo, vem!
Vem commigo, vem, meu bem!”,
canta o mau compositor.

Ao compor assim, porem,
dos limites vae alem
quem tomar no eu não for.

CÉTICO

Glauco Mattoso

Não creia em tudo aquilo que está lendo.
Duvide até da própria assinatura.
Não cante sem reler a partitura.
Recuse poesia com remendo.

Se um cego diz seu seu calvário horrendo,
coloque mais pimenta, que ele atura.
Se ser um masoquista é o que ele jura,
no máximo masturba-se escrevendo.

Cantando espalharei por toda parte,
mas sei que poucos vão acreditar
que sou Átila, Nero ou Bonaparte.

Vá lá, não sou guru nem superstar.
Na dúvida, porém, nunca descarte
que onde há fumaça o fogo pode estar.

DO DECORO PARLAMENTAR

Glauco Mattoso

– O ilustre senador é um sem-vergonha!
 – O quê?! Vossa Excelência é que é safado!
 E os dois parlamentares, no Senado,
 disputam palavrão que descomponha.

Um grita que o colega usa maconha.
 Responde este que aquele outro é viado.
 Até que alguém aparte, em alto brado
 anima-se a sessão que era enfadonha.

Inútil tentativa, a da bancada,
 de a tempo separar o par briguento
 aos tapas, se engalfinham por um nada...

Imagem sem pudor do Parlamento,
 são ambos mais sinceros que quem brada:
 – Da pecha de larápio me inocento!

CONFESSIONAL

Glauco Mattoso

Amar, amei. Não sei se fui amado,
 pois declarei amor a quem odiara
 e a quem amei jamais mostrei a cara,
 de medo de me ver posto de lado.

Ainda odeio quem me tem odiado:
 devolvo agora aquilo que declara.
 Mas quem amei não volta, e a dor não sara.
 Não sobra nem a crença no passado.

Palavra voa, escrito permanece,
 garante o adágio vindo do latim.
 Escrito é que nem ódio, só envelhece.

Se serve de consolo, seja assim:
 amor nunca se esquece, é que nem prece.
 Tomara, pois, que alguém reze por mim...

BUCETEIRO

Glauco Mattoso

Pequenos, grandes lábios, um clitoris.
 Pentelhos. Secreção. Quentura mole,
 que envolve meu caralho e que o engole.
 Não saio até gozar, nem que me implores.

Diana. Dinorá. Das Dores. Dóris.
 Aranha. Taturana. Ovelha Dolly.
 Peluda, cabeluda, ela nos bole
 na rola, das pequenas às maiores.

Buceta existe só para aguçar
 a fome dos caralhos em jejum.
 Queremos bedelhar, fuçar, buçar!

Agora não me falem do bumbum!
 Do pé tampouco! Vou despucelar
 o buço dum cabaço, ato incomum.

SONETO BELETRISTA

Glauco Mattoso

Na história da poesia brasileira
 Gregório, como um sátiro, desponta.
 Dirceu canta Marília, que não conta.
 Gonçalves Dias trepa na palmeira.

Rebelo é Zé, não tem eira nem beira.
 Escravo, ao Castro Alves, vira afronta.
 Bilac eleva e leva a lavra em conta.
 Delfino é preso ao pé, mas mal o cheira.

Augustos são vanguarda: Alguém os siga!
 Oswald e Mário apupam: Pau no apuro!
 Drummond, Bandeira, ombreiam, bons de briga.

Cabral é cabra cru, cerebral, duro.
 Se Piva quer viver na Grécia antiga,
 Mattoso, em trevas, vive no futuro.

SONETO BIZARRO

Glauco Mattoso

Coprófilo é quem gosta de excremento.
 Pedófilo só trepa com criança.
 Defunto fresco em paz jamais descansa
 nos braços do necrófilo sedento.

Voyeur assiste a tudo, sempre atento
 ao exibicionista, que até dança.
 O fetichista transa até com trança,
 e o masoquista adora sofrimento.

Libido, pelo jeito, é mero lodo.
 A sensualidade faz sentido
 conforme a morbidez sob a qual fodo.

Não basta o pé, precisa ser fedido.
 Se tenho de escolher, pois, um apodo,
 serei um podosmófilo assumido.

SONETO HIGIÊNICO

Glauco Mattoso

Se o orifício anal é um olho cego,
 que pisca e vai fazendo vista grossa
 a tudo que entra e sai, que entala ou roça,
 três vezes cego sou. Que cruz carrego!

Porém não pela mão me prende o prego,
 mas pela língua suja, que hoje coça
 o cu dos outros, feito um limpa-fossa,
 e as pregas, como esponja escrota, esfrego.

O “beijo negro” é o último degrau
 desta degradação em que mergulho,
 maior humilhação eu chupar pau.

Sujeito-me com náusea, com engulho,
 ao paladar fecal e ao cheiro mau,
 e, junto com a merda, engulo o orgulho

SONETO NOJENTO

Glauco Mattoso

Tem gente que censura o meu fetiche:
 lamber pé masculino e o seu calçado.
 Mas, só de ver no quê o povo é chegado,
 não posso permitir que alguém me piche.
 Onde é que já se viu ter sanduíche

de fruta ou vegetal mal temperado?
 E pizza de banana? E chá gelado?
 Frutos do mar? Rabada? Jiló? Vixe!

Café sem adoçar? Feijão sem sal?
 Rã? Cobra? Peixe cru? Lesma gigante?
 Farofa de uva passa? Isso é normal?

Quem gosta disso tudo não se espante
 com minha preferência sexual:
 lamber o pé e o pó do seu pisante.

SONETO MASOQUISTA

Glauco Mattoso

Político só quer nos ver morrendo
 na merda, ao deus-dará, sem voz, sem teto.
 Divertem-se inventando outro projeto
 de imposto que lhes renda um dividendo.

São tão filhos da puta que só vendo,
 capazes de criar até decreto
 que obrigue o pobre, o cego, o analfabeto
 a dar mais do que vinha recebendo.

Se a coisa continua nesse pé,
 Acabo transformado no engraxate
 Dum senador qualquer, dum zé mané.

Vou ser levado, a menos que me mate,
 à torpe obrigação de amar chulé,
 lamber feito cachorro que não late

HINO PATRIÓTICO DO PRISIONEIRO POLÍTICO, 1977

Glauco Mattoso

*para ser recitado em tom marcial,
com acompanhamento de castanholas,
trote de cascos (equinos) sobre
paralelepípedos ou tilintar de ossos (humanos)*

independen
te
men
te

de quem
te
men
te

tens o de
ver
de

outra ver
dade de
fender

ECONOMIA POLÍTICA
Glauco Mattoso

PO R

DE

PO R

ANO DE NASCIMENTO E MORTE DOS POETAS MARGINAIS

AFONSO HENRIQUES NETO: 1944

ANA CRISTINA CESAR: 1952-1983

BERNARDO VILHENA: 1949

CACASO: 1944-1987

CAPINAN: 1941

CHACAL: 1951

FRANCISCO ALVIM: 1938

GERALDO CARNEIRO: 1955

GLAUCO MATTOSO: 1951

LEILA MÍCCOLIS: 1947

NICOLAS BEHR: 1958

PAULO LEMINSKI: 1944-1989

ROBERTO PIVA: 1937-2010

TORQUATO NETO: 1944-1972

WALY SALOMÃO: 1943-2003

ZUCA SARDAN: 1933